

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS CRÍTICAS ENDEREÇADAS AO LACANISMO EM O ANTI-ÉDIPO¹

Wagner Honorato Dutra²
Luis Flávio Silva Couto

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte-MG, Brasil

RESUMO. Abordamos nesse artigo as críticas que Gilles Deleuze e Félix Guattari dirigem ao lacanismo em *O Anti-Édipo*. Analisamos as particularidades teórico-conceituais desse embate com base em um itinerário metodológico composto por dois procedimentos interligados. O primeiro consiste na identificação dos autores, das obras e dos conteúdos visados por Deleuze e Guattari. Esta ação tem cunho propedêutico, pois permite delimitar os campos temáticos a partir dos quais as maquinações antiedipianas se conectam com algumas versões do ensino de Lacan. No segundo procedimento, vinculado ao anterior, avaliamos esses temas em consonância com os contextos argumentativos nos quais são trabalhados. Mostramos como os embates desenvolvidos nas fronteiras entre a psicanálise, a linguística e a antropologia se articulam ao gesto deleuze-guattariano que reabilita a função do Real nos âmbitos analítico, do desejo e da produção. Para tanto, investigamos alguns livros escritos em uma época ainda fortemente influenciada pelo programa estruturalista. Constatamos que essas obras são criticadas em *O Anti-Édipo* por reduzirem o inconsciente à dimensão estrutural-simbólica.

Palavras-chave: Psicanálise; estruturalismo; esquizoanálise.

CONSIDERATIONS ABOUT THE CRITICISMS ADDRESSED TO LACANISM IN THE ANTI-OEDIPUS

ABSTRACT. In this article, we analyze the criticisms that Gilles Deleuze and Felix Guattari address to lacanism in *The Anti-Oedipus*. We analyze the theoretical and conceptual peculiarities of this conflict based on a methodological path composed of two interconnected procedures. The first one consists in identifying the authors, works and contents targeted by Deleuze and Guattari. This action has a propaedeutic character, since it allows delimiting the thematic fields from which the anti-Oedipus machinations are connected with some versions of Lacan's teaching. In the second procedure, linked to the previous one, we evaluate these themes in consonance with the argumentative contexts in which they are covered. We show how the clashes developed at the frontiers between psychoanalysis, linguistics and anthropology are articulated to the deleuze-guattarian gesture that rehabilitates the function of the Real in the analytic, desire and production ambits. To this aim, we investigated some books written at a time still strongly influenced by the structuralist program. We found that these works are criticized in *The Anti-Oedipus* for reducing the unconscious to the structural-symbolic dimension.

Keywords: Psychoanalysis; structuralism; schizoanalysis.

CONSIDERACIONES ACERCA DE LAS CRÍTICAS DIRIGIDAS AL LACANISMO EN EL ANTI-EDIPO

RESUMEN. Abordamos en este artículo las críticas que Gilles Deleuze y Félix Guattari dirigen al lacanismo en *El Anti-Edipo*. Analizamos las particularidades teórico-conceptuales de ese embate sobre la base de un itinerario metodológico compuesto por dos procedimientos interconectados. El primero consiste en la identificación de los autores, de las obras y de los contenidos dirigidos por Deleuze y Guattari. Esta acción tiene un carácter propedéutico, pues permite delimitar los campos temáticos a partir de los cuales las máquinas antiedipianas se conectan con algunas versiones de la enseñanza de Lacan. En el segundo procedimiento, vinculado al anterior, evaluamos estos temas en consonancia con contextos argumentativos en los que son trabajados. Se muestra cómo los embates desarrollados en las fronteras entre el psicoanálisis, la lingüística y la antropología se articulan al gesto

¹ *Apoio e financiamento:* Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig)

² *E-mail:* wagnerhonoratodutra@hotmail.com



deleuzo-guattariano que rehabilita la función del Real en los ámbitos analítico, del deseo y de la producción. Para ello, investigamos algunos libros escritos en una época todavía fuertemente influenciada por el programa estructuralista. Constatamos que esas obras son criticadas en *El Anti-Édipo* por reducir el inconsciente a la dimensión estructural-simbólica.

Palabras-clave: Psicoanálisis; estructuralismo; esquizoanálisis.

Introdução

A despeito do processo de elaboração de *O Anti-Édipo*, Deleuze teceu o seguinte comentário:

O que fizemos com Félix foi um agenciamento a dois, onde algo passava entre os dois, ou seja, são fenômenos físicos, é como uma diferença, para que um acontecimento aconteça, é preciso uma diferença de potencial, para que haja uma diferença de potencial precisa-se de dois níveis. Então algo se passa, um raio passa, ou não, um riachinho... É do campo do desejo (Deleuze & Parnet, 1994-1995/2016, p. 19).

Quando lemos *O Anti-Édipo*, somos conduzidos por uma infinidade de territórios. A obra que inaugura a parceria de Deleuze com Guattari consiste em uma verdadeira máquina agenciadora de saberes múltiplos e heterogêneos. Seu estilo *esquizado* conecta engenhosamente acoplamentos teórico-conceituais oriundos da literatura, filosofia, psicanálise, antropologia, etologia, cinema entre tantos outros domínios.

Nesse artigo seguimos apenas um dos riachinhos que traçam a superfície do texto antiedipiano. Nele analisamos as críticas que Gilles Deleuze e Félix Guattari dirigem aos intérpretes e discípulos de Lacan. Para a consecução desse objetivo, seguimos um itinerário metodológico composto por dois procedimentos interdependentes e não, necessariamente, sequenciais. No primeiro identificamos os estudos, os textos e as noções referenciadas pelos autores. Esta ação tem cunho propedêutico, pois nos permite propor alguns campos temáticos a partir dos quais as conversações de Deleuze e Guattari com os lacanianos se desenvolvem. No segundo procedimento, vinculado ao anterior, avaliamos como esses temas estão acoplados em *O Anti-Édipo* e como eles servem estrategicamente de contraponto à elaboração da teoria antiedipiana do desejo-máquina.

Belos livros, mas ...

As interlocuções de Deleuze e Guattari, com os intérpretes de Lacan, são diversificadas. Elas servem a vários usos e finalidades e não podem ser qualificadas restritivamente em termos de oposição.

Na seção II.1.2, *A reviravolta edipiana na psicanálise*, por exemplo, os autores citam um texto de Laplanche e Pontalis (1964/1985) para validar a tese de que a psicanálise não se desenvolve sem dúvidas, desvios e arrependimentos. No referido texto, *Fantasme originaire fantasme des origines. Origines du fantasme*, os alunos de Lacan explicam que embora Freud tenha “descoberto” o complexo de Édipo em sua autoanálise em 1923, foi somente em *O eu e o isso* – texto de 1923 – que o construto adquiriu uma formulação teórica. Nesse enquadramento interpretativo, o abandono da teoria do traumatismo e da sedução não implica a determinação unívoca do Édipo e nem a descrição de uma sexualidade infantil espontânea de caráter endógeno. Logo, “... tudo se passa como se ‘Freud não conseguisse articular mutuamente Édipo e sexualidade infantil’, remetendo esta a uma realidade biológica do desenvolvimento e aquele a uma realidade psíquica do fantasma ...” (Laplanche & Pontalis, 1964, citado por Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 76).

Outros lacanianos também são citados, avaliados e qualificados positivamente em diferentes contextos. Vejamos algumas dessas ocorrências: “Cf. o excelente artigo de Elisabeth Roudinesco sobre Lacan, “L’Action d’une métaphore ...” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 276). “Octave Mannoni, na sua bela análise do fenômeno da crença ...” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 403). “André Green analisa profundamente as relações representação-teatro-estrutura-inconsciente ...” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 403). “Foi com profundidade que, nessa perspectiva, Serge Leclair tentou definir o avesso da estrutura como puro ser do desejo” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 408).

No entanto, o tom do diálogo com que os simpatizantes de Lacan mudam quando o assunto abordado é o uso que fazem da sua teoria do desejo. Nesse registro, as críticas adquirem um forte viés contestatório e denunciam "... a edipianização furiosa a que a psicanálise se entrega, seja prática ou teoricamente, com os recursos conjugados da imagem e da estrutura" (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 75).

Os alvos dos ataques são os "belos livros" escritos por psicanalistas, etnólogos e antropólogos que nas décadas de 1950, 60 e início de 70 gozavam de prestígio entre os intelectuais franceses. Essas obras articulam a psicanálise com os campos clínico, social e institucional-psiquiátrico e têm em comum o apreço por aspectos setoriais do ensino lacaniano. Elas testemunham como "... a ordem simbólica de Lacan foi desviada, utilizada para apoiar um Édipo de estrutura aplicável à psicose, e para estender as coordenadas familistas para fora do seu domínio real e mesmo imaginário" (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 477).

A seção II.4.5, *Será que a fronteira passa entre o simbólico e o imaginário?*, oferece uma visão panorâmica sobre a matéria. Em tela está o esforço teórico de superar as concepções simplistas de Édipo – fundadas nas imagens parentais –, substituindo-as pelo modelo estrutural das funções simbólicas. Deleuze e Guattari questionam se não haveria na substituição do:

... papai-mamãe tradicional por uma função-mãe e uma função-pai ...", outra intenção senão a de "... fundar a universalidade de Édipo para além da variabilidade das imagens, soldar ainda melhor o desejo à lei e à proibição, e levar ao máximo o processo de edipianização do inconsciente? (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 114).

Tal crítica versa sobre as interpretações do lacanismo que, "aberta ou secretamente piedosas", invocam a concepção edípico-estrutural "... para nos reconduzirem à questão do pai, para edipianizar até mesmo o esquizo, e mostrar que um buraco no simbólico nos remetia ao imaginário e que, inversamente, as insuficiências ou confusões imaginárias nos remetiam à estrutura" (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 114).

Os autores julgam que as distinções entre o imaginário e o simbólico, nem mesmo tangenciam o que de fato define o inconsciente, uma vez que, para eles

... a verdadeira diferença de natureza não está entre o simbólico e o imaginário, mas entre o elemento real do maquínico, que constitui a produção desejante, e o conjunto estrutural do imaginário e do simbólico, que forma somente um mito e suas variantes (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 115).

Deleuze e Guattari tentam demonstrar que esse embate conduz ao postulado de um *a priori* simbólico cultural e à generalização das premissas legitimadoras do familismo. Ele é um movimento pendular que lança o inconsciente de um lado para o outro. Consiste em um paralogismo que aprisiona o desejo numa lógica disjuntivo-exclusiva, na qual o fato de remontarmos "... das imagens à estrutura, das figuras imaginárias às funções simbólicas, do pai à lei, da mãe ao grande Outro, estamos, na verdade, apenas adiando a questão" (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 115-116).

Essas considerações fazem parte de uma estratégia argumentativa que visa estabelecer um caminho teórico-prático-conceitual alternativo à vulgata lacaniana. Consiste em abordar o inconsciente não pela problemática distinção estrutura x imaginário, mas pela descrição do funcionamento das "... máquinas do desejo que não se deixam reduzir nem à estrutura nem às pessoas, e que constituem o Real em si mesmo, para além ou aquém tanto do simbólico como do imaginário" (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 75). Trata-se, pois, de denunciar as interpretações "piedosas" que não reconhecem a potência do real no inconsciente de Lacan.

Lacan traçara uma via totalmente distinta. Ao contrário de um esquilo analítico, ele não se contentava em girar na roda do imaginário e do simbólico, do imaginário edipiano e da estrutura edipianizante, da identidade imaginária das pessoas e da unidade estrutural das máquinas, entrando a todo momento em choque com os impasses de uma representação molar que a família fecha sobre si própria (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 406).

Deleuze e Guattari fazem críticas a esse tipo de debate que se estabeleceu em torno do ensino de Lacan, mas não julgam que ele seja totalmente desprovido de fundamento. As interpretações

estritamente simbólico-estruturais do inconsciente encontrariam respaldo no dispositivo Lacan-Jakobson-Saussure, ou melhor, na concepção do inconsciente estruturado como uma linguagem. A apropriação molar do inconsciente lacaniano não estaria ligada, perguntam os autores

... ao fato de que Lacan parecia manter uma espécie de projeção das cadeias significantes num significante despótico, e deixar tudo pendente de um termo ausente, de um termo que falta a si próprio e que reintroduz a falta nas séries do desejo, às quais ele impunha um uso exclusivo? (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 116).

Detenhamo-nos um pouco mais nisso.

Que Lacan é esse?

Uma investigação não sistemática do emprego do conceito nome-do-pai nos textos de Lacan oferece subsídios que tornam essa hipótese razoável. No seminário 4 – lição *As calças da mãe e a carência do pai*, – e no seminário 5 – lição *A forclusão do Nome-do-pai* –, lemos respectivamente:

O pai simbólico é o nome do pai. Este é o elemento mediador essencial do mundo simbólico e de sua estruturação. Ele é necessário a este desmame, mais essencial que o desmame primitivo, pelo qual a criança sai do seu puro e simples acoplamento com a onipotência materna. O nome do pai é essencial a toda articulação de linguagem humana, e é a razão pela qual o Eclesiastes diz: O insensato disse em seu coração: não existe Deus (Lacan, 1956-1957/1995, p. 374).

“... que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico ... um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 152).

Em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, [1957-58/(1998)] há, ao menos, três passagens nas quais o conceito de nome-do-pai é empregado no mesmo sentido: “... metáfora que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe” (Lacan, 1957-1958/1998, p. 563). “É ... na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (Lacan, 1957-1958/1998, p. 582). “Nome-do-Pai – isto é, do significante que, no Outro como lugar do significante, é o significante do Outro como lugar da lei” (Lacan, 1957-58/1998, p. 590).

Todavia, o valor e o sentido das proposições aqui elencadas podem ser problematizados. Miller (2014) chama a atenção do leitor de Lacan para as peculiaridades do seu ensino. Durante a realização do seminário 6, por exemplo, há “... de uma lição a outra, avanços, correções, mudanças de perspectiva que demandam ser destacadas, apontadas, precisadas a cada vez” (Miller, 2014, p. 1). Com efeito, algumas noções são reformuladas e outras não são retomadas em etapas posteriores. Diante dessas indicações, questionamos com Miller (2014) se

... quando Lacan define, aqui ou ali, um termo de modo que permanecerá único, será que devemos enfatizá-lo em nossa reflexão? Será que isso deve ser retomado, pelo fato de que Lacan teria ali desvelado um aspecto desconhecido, ou será que se trata de um deslizamento, de uma deriva que, em seguida, será corrigida? (Miller, 2014, p. 1-2).

Hipótese compartilhada também por Deleuze (1990/2008, p. 24): “Lacan mesmo sempre soube revirar para mostrar seu avesso”.

Transpondo essa problematização para o conceito de nome-do-pai, constatamos que ele adquire diferentes matizes e formulações no decorrer do tempo. No seminário *Introdução aos Nomes-do-pai* (Lacan, 1963/2005), a noção é relativizada, mas se retroagirmos um pouco, no ensino lacaniano, ao seminário 6 para sermos mais precisos, notamos que ali ela muda de estatuto.

Não há, eu lhes disse, Outro do Outro. Não há no Outro nenhum significante que possa na ocasião responder por aquilo que sou. E para dizer as coisas de uma maneira transformada, esta verdade sem esperança da qual há pouco lhes falava, esta verdade que é aquela que encontramos ao nível

do inconsciente, é uma verdade sem figura, é uma verdade fechada, uma verdade dobrável em todos os sentidos. Nós sabemos demais, é uma verdade sem verdade (Lacan, 1958-1959/2002, p. 315).

Assim, quão são pertinentes os ataques antiedipianos dirigidos aos “belos livros” escritos por certos lacanianos, tendo em vista o estado da arte em que se encontrava o pensamento de Lacan no seminário de 1969-70/1992³. Avaliamos que tais críticas são pertinentes, mas restritas a certos enunciados e preceitos fortemente marcados pela *intelligentsia* francesa das décadas de 1950-60.

Ademais, a delimitação do estatuto daquilo que Deleuze e Guattari afirmam sobre a psicanálise lacaniana deve levar em conta o estudo detalhado das ideias desenvolvidas por seu fundador. Questionamos, então, se haveria ao longo do ensino de Lacan, em especial no referido seminário de 1969-70/1992, marcadores teóricos que indicam, senão a retificação da concepção do inconsciente estruturado como uma linguagem, ao menos o prelúdio de uma teoria do inconsciente real? Ora, neste caso, a máquina antiedipiana funcionaria como um catalizador agindo sobre aspectos do ensino de Lacan foracluídos pela perseverança hermenêutica de seus discípulos. Afinal, é o próprio Deleuze quem diz que a ajuda a Lacan “... andaria ainda melhor se não fossem utilizadas ... noções que nem sequer são as de Lacan criador, mas as de uma ortodoxia que se formou em torno dele” (Deleuze, 1990/2008, p. 23-24).

Julgamos que as críticas de Deleuze e Guattari parecem operar com a tensão resultante do encontro entre duas posições adotadas diante do ensino lacaniano. A primeira privilegia os aspectos teóricos passíveis de tradução pela ótica estruturalista. A segunda entrevê no texto lacaniano algumas indicações teórico-conceituais que expressam a potência do real na teoria do desejo.

Santiago (1995) propõe um diagnóstico similar ao explicar que

A ênfase dada ao acoplamento Lacan-Jakobson foi tal, que, nos anos 60, grande parte de seus alunos reduz toda a concepção lacaniana de inconsciente ao trabalho da metáfora e da metonímia. Suprime-se, assim, o que constitui a contribuição inovadora de seu encontro com o texto de Freud, a saber, o objeto (a) – contribuição que relança o terceiro tempo de fundação de seu ensino (Santiago, 1995, p. 218).

O Anti-Édipo oferece numerosos exemplos de ambas as perspectivas. Neste artigo, em razão do escopo ao qual está circunscrito, limitamos a analisar as críticas endereçadas a primeira delas (vertente estruturalista do ensino lacaniano). Para levarmos esse empreendimento a cabo, percorremos as seções nas quais Deleuze e Guattari fazem referências explícitas aos autores influenciados, direta ou indiretamente, pelas ideias de Lacan. Desenvolvemos essa trajetória com base em três subunidades, a saber, *Isso é uma estrutura?*, *o louco despolitizado*, *Édipo universal?*. Trata-se de um artifício criado para facilitar a transmissão de um conteúdo complexo que é elaborado, originariamente, de maneira difusa e fragmentária. Aqui, o conteúdo é forçosamente simplificado em três conjuntos de problematizações. Eles versam sobre a formalização do Édipo sob o prisma estrutural e sobre a aplicação desse construto nos âmbitos clínico-institucional e teórico, especialmente na interface da psicanálise com a linguística e antropologia.

Isso é uma estrutura?

Algumas obras alinhadas com o estruturalismo – obviamente do ponto de vista deleuzo-guattariano – são exercícios teórico-práticos de aplicação de paralogismos. Elas encontram em “... toda parte o grande jogo do significante simbólico que se encarna nos significados do imaginário — Édipo como metáfora universal” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 404).

Para os autores, o teatro edípico, devidamente formalizado, funciona como um operador teórico privilegiado porque podemos, nele, identificar os elementos que compõem o inconsciente estrutural, a saber, o desejo, a lei, a falta, a lógica significante. Essas críticas têm destinatários certos! Apreciemos alguns trechos dos textos que na visão de Deleuze e Guattari fazem de Édipo um tipo de *símbolo católico universal*. “... o Édipo não é o mito, mas a estrutura que, por intermédio da rivalidade, liga o sujeito a

³ As referências ao ensino de Lacan em *O Anti-Édipo* vão até esse período.

uma ordem simbólica, subordinando assim a uma única e mesma Lei o advento da verdade e o do desejo” (Safouan, 1968/1973, p. 86).

O problema de Édipo não pode evidentemente ... ser conduzido à única questão da tolerância de um incesto real no seio de uma revolução de costumes também completamente “generosa”. A articulação significadora de Édipo deve ser compreendida com o que se encontra operante para o indivíduo (organizado pelo jogo do significante) a propósito da lei de interdição do incesto, que se acha na base da crise formadora da castração (Mannoni, 1970/1981, p. 55).

“... consideraremos os meios pelos quais a organização edipiana desempenha um papel nas psicoses; em seguida, perguntaremos pelas formas da pré-genitalidade psicótica e como podem manter a referência edipiana” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 74).

A lista de citações é extensa e serve para demonstrar como a estrutura solda o desejo com o impossível ao definir a falta como castração. Da estrutura:

... se ergue o canto mais austero em favor da castração: sim, sim, é pela castração que entramos na ordem do desejo — uma vez que a produção desejante se espalha pelo espaço de uma representação que só a deixa subsistir como ausência e falta de si mesma (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 404).

O modelo estrutural, tal como é problematizado em *O Anti-Édipo*, impõe às máquinas desejantes uma organização molar, na qual os objetos parciais são reportados a uma totalidade que só pode ser apreendida enquanto “... aquilo que lhes falta, e como o que, faltando-lhes, falta a si mesma ...” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 404). A operação estrutural transforma a relação familiar em metáfora de todas as outras, isto é, em protoforma que assenta o conjunto social sobre o microcosmo da família.

Conseqüentemente, toda a produção desejante é levada ao duplo impasse da representação subjetiva que nos faz escolher entre Édipo trágico-imaginário e o sistema familiar-funcional. Vista dessa maneira, a estrutura não rompe com o agenciamento familista; “... ao contrário, ela estrangula, ela dá à família um valor metafórico universal no próprio momento que esta perdeu seus valores literais e objetivos” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 406).

Deleuze e Guattari identificam nessa troca – do Édipo trágico por Édipo estrutural – um contrassenso, já que o apego do lacanismo à invariante estrutural se dá justamente em um modo de produção que faz dos fluxos descodificados seu limite externo absoluto, isto é, na máquina capitalista. Em *O Anti-Édipo*, o capitalismo é descrito com base em uma teoria original que compreende seu funcionamento a partir da tensão resultante de um jogo de forças, ou tendências, aparentemente antagônicas, mas complementares. De uma parte – tendência despótica ou paranoica – a máquina capitalista se estabelece sobre as ruínas de uma forma Estado (*Urstaat*), cujos restos ela tende regular, repartir, até um grau máximo de vigilância e de controle. De outra parte – tendência esquizofrênica – ela se alimenta da descodificação e da desterritorialização dos fluxos.

No entanto, seria um grande erro identificar os fluxos capitalistas com os fluxos esquizofrênicos, mesmo havendo grande afinidade entre eles. O capitalismo faz passar em toda parte fluxos-esquizes, mas faz isso com a condição de submetê-los a uma axiomática ainda mais rigorosa que os mantém ligados ao corpo do capital. Seu limite externo-absoluto é a esquizofrenia, mas ele não para de conjurá-lo, substituindo-o por limites relativos internos que são reproduzidos em “... escala sempre maior, ou por uma axiomática dos fluxos que submete a tendência ao despotismo e a mais firme repressão” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 481). O capitalismo dá concretude ao abstrato, substitui os códigos territoriais e a sobrecodificação despótica pela descodificação dos fluxos, mas sob a condição de criar novos arcaísmos.

A máquina capitalista, tematizada na seção IV.5.9, *Do que está doente o esquizofrênico?*, joga com as forças que acabamos de descrever. Nesse contexto, elas são analisadas em termos de investimentos libidinais antagônicos. Em um polo encontramos a reconstrução paranoica; no outro, as linhas de fuga esquizofrênicas. As tensões suscitadas nesse embate se manifestam de três formas, a saber, adesão, resistência e afirmação. O ensino de Lacan, tal como é apropriado por alguns dos seus discípulos, incide na segunda modalidade. Nela, o processo *esquize* torna-se ininteligível à “... estranha utilização das descobertas lacanianas ...”, não se fazendo dizer pelos “recursos modernos” do falo simbólico, forclusão do nome do pai ... (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 482).

No texto antiedipiano, o inconsciente é descrito como processo esquizofrênico portador dos fluxos descodificados. Em vários trechos, Deleuze e Guattari aproximam tal conceituação a fragmentos do ensino de Lacan. Eles imputam certas noções desenvolvidas pelo psicanalista francês que vão de encontro com a concepção de inconsciente real-maquínico. Conforme os autores, ambas as teorias identificam no inconsciente algo que é inassimilável à estrutura simbólica da cadeia significante. Isto não implica, necessariamente, no desfecho da psicose, tal como preconiza a vulgata lacaniana, mas na afirmação de um devir processual no âmbito do desejo.

Ao tratarem o desejo como processo produtivo, Deleuze e Guattari investem um valor positivo nesse conceito. Ele deixa de predicar atributos psíquicos ou fantasmáticos para indicar o ato de construção do real. Vista sob esse ângulo, a versão estruturalista da psicanálise veiculada pelos lacanianos funciona como uma operação perversa, uma ideologia da falta. Ela perverte a lei dos objetos parciais – segundo a qual nada se define como falta – em prol de uma concepção de desejo movido por uma falta originária que atua como causa. Perspectiva que inverte, portanto, a predominância ontológica do que causa o desejo. No fundo, até mesmo os instrumentos conceituais revisitados pelos discípulos de Lacan não passam de ilusão de movimento, de uma escolha forçada entre duas modalidades de totalizações:

... uma, quando o *socius* lhes confere uma unidade estrutural sob um significante simbólico que age como ausência e falta num conjunto de partida; outra, quando a família lhes impõe uma unidade pessoal com significados imaginários que distribuem, que “vacuolizam” a falta num conjunto de chegada: são dois raptos de máquinas, pois, enquanto a estrutura lhes aplica sua articulação, os pais lhes põem seus dedos (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 406).

A essa altura de nossa análise fica evidente que o objeto da crítica antiedipiana incide, especialmente, sobre as leituras demasiadamente estruturalistas de Lacan. Vejamos como esse viés interpretativo se manifesta, tendo como parâmetro um “belo livro” psicanalítico- antipsiquiátrico.

O louco despolitizado

A perspectiva estrutural do inconsciente, explicitamos isso anteriormente, foi uma ideia amplamente difundida entre os intérpretes de Lacan. Ela produziu ressonâncias com os campos da análise institucional, da antipsiquiatria, da clínica das psicoses e da antropologia.

Nas fronteiras entre a psicanálise e a antipsiquiatria, Deleuze e Guattari chamam a atenção para o livro de Maud Mannoni, *O psiquiatra, seu louco e a psicanálise*, publicado em 1970. Essa obra possui certo destaque em *O Anti-Édipo*, pois evidencia, de maneira paradigmática, como conduzir uma análise da psicose suprimindo dela os conteúdos sociopolíticos. Na seção II.5.4, a autora é acusada de codificar o delírio em termos edipianos, quando na verdade seu conteúdo é notadamente geográfico, histórico-mundial, político, racial. Em evidência está o erro de reconduzir “... o conteúdo histórico e político do delírio a uma determinação familiar interna”, de tal modo que “... tudo é esmagado, moído, triangulado no Édipo, tudo é apoiado no pai, de maneira a revelar o mais cruamente a insuficiência de uma psicanálise edipiana” (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 124).

Deleuze e Guattari argumentam que essa interpretação reducionista não é privilégio da hermenêutica freudiana. Ela se faz presente, também, na clínica do inconsciente estrutural, mas por meio de outros artifícios. No estudo de caso, realizado por Maud Mannoni, essa aplicação é patente. Em *O psiquiatra, seu louco e a psicanálise*, a psicanalista descreve e analisa o delírio paranoico de Georges Payote, um homem natural da Martinica internado há dez anos em estabelecimento de saúde. Em seu delírio, Georges faz referências aos árabes, à guerra da Argélia, à dinastia dos gauleses entre outros temas político-raciais. Atentemo-nos a um fragmento do seu relato:

Caí doente por causa do problema argelino. Tinha feito a mesma besteira do que eles (prazer sexual). Eles me adotaram como irmão de raça. Tenho o sangue mongol. Os argelinos me utilizaram em todas as realizações. Tive ideias racistas. Correram rumores sobre mim, na região parisiense, quando me senti perseguido. ... sempre tive uma infância mártir. Minha tia me fez sentir o seu desprezo. Levei uma vida de lobo; consegui o meu diploma de estudante. Eu me chamo Payote. Descendo da dinastia dos gauleses. A este título, tenho valor de nobreza. Quis reproduzir ao estilo da Martinica. Na

Martinica, fui recolhido pelos mongóis e amamentado com leite pago, isso fez com que eu pudesse viver (Mannoni, 1970/1981, p. 101).

Esse relato é utilizado na máquina antiedipiana para exemplificar como temas metafísicos, políticos e racistas são obnubilados em proveito de um esquema teórico notadamente formal da psicose. Na explicação de Mannoni sobre adoecimento de Payote, nada é encontrado além de um vazio simbólico do significante do pai. Aliás, ela se serve do conceito de foraclusão como dispositivo de edipianização forçada, ou seja, como operador que

... parece indicar uma lacuna propriamente estrutural, graças à qual o esquizofrênico é naturalmente recolocado no eixo edipiano, remetido à órbita edipiana, na perspectiva das três gerações, segundo a qual a mãe não pôde *firmar* seu desejo em relação ao próprio pai, nem o filho, então, em relação à mãe (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 74).

A lacuna estrutural implica em um duplo impasse, no qual se interpreta a ausência do Édipo como lugar vazio ou buraco na estrutura para, em nome dessa falta, conduzir a análise para o polo das identificações imaginárias do indiferenciado materno. Todo o processo se traduz em termos das identificações imaginárias que ocorrem sob o jugo de Édipo ou do que falta ao sujeito para se deixar edipianizar (Deleuze & Guattari, 1972/2010).

Os personagens edipianos estão no seu lugar, mas, no jogo de permutações que se efetua, há como que um lugar vazio ... O que aparece como rejeitado é tudo o que diz respeito ao *phalus* e ao pai ... Todas as vezes que Georges tenta apreender-se como desejante é remetido a uma forma de dissolução de identidades. Ele é um outro, cativado por uma imagem materna ... Permanece capturado numa posição imaginária na qual é cativado pela imago materna; é desse lugar que ele se situa no triângulo edipiano, o que implica um processo de identificação impossível, implicando sempre, à maneira de uma pura dialética imaginária, a destruição de um ou do outro parceiro (Mannoni, 1970, citada por Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 125).

Deleuze e Guattari não negam que determinantes familiares e lógico-funcionais exerçam funções específicas nos processos de subjetivação. Eles discordam, apenas, da importância e do papel atribuídos a esses estímulos, isto é, "... um papel inicial de organizador (ou de desorganizador) simbólico do qual derivariam os conteúdos flutuantes do delírio histórico ..." (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 126). As figuras parentais não exercem os papéis de organizadores, mas de simples indutores dotados de valores quaisquer.

Portanto, é nesse domínio teórico, talvez, que as críticas antiedipianas se asseveram e ao mesmo tempo se simplificam. Em xeque estão os estudos que tentam articular a etnologia com a psicanálise tendo como ponto de contato o problema da universalidade do Édipo.

Édipo universal?

Em *Eles não sabem o que fazem, aqueles que edipianizam*, seção II.4.4, Deleuze e Guattari apresentam uma breve genealogia da polêmica erigida em torno do problema da universalidade do Édipo. Ela teve início nos debates estabelecidos entre Malinowski e Ernst Jones, continuou com Abram Kardiner, Erich Fromm e Géza Roheim e foi retomada por leitores de Lacan. Entre estes estão os teóricos que conferiram uma interpretação edipianizante à doutrina lacaniana dando a ela uma extensão etnográfica. Deleuze e Guattari identificam dois polos a partir dos quais a universalidade do Édipo é justificada.

... um, talvez já fora de moda, faz de Édipo uma constelação afetiva original e, no limite, um acontecimento real, cujos efeitos seriam transmitidos por hereditariedade filogenética. E o outro que faz de Édipo uma estrutura que, no limite, é preciso descobrir no fantasma, em relação com a prematuração ou a neotenia biológicas (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 227).

Pelo prisma deleuzo-guattariano, esses postulados divergem apenas sobre a função que o Édipo exerce no limite. Enquanto os defensores do primeiro polo julgam que o Édipo funciona como matriz original real, os representantes da segunda vertente dizem que o Édipo é estrutural.

Todavia, mesmo sendo mais complexa, a versão estrutural do Édipo não resolve o problema da universalidade. Ao contrário, ela atualiza "... a velha operação metafísica que consiste em interpretar a negação como uma privação, como uma falta: a falta simbólica do pai morto, ou o grande Significante" (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 228).

Entre os culturalistas e etnólogos orientados pela perspectiva universalista-estrutural, o Édipo se faz presente por meio de múltiplas triangulações. Consistem em variações de uma mesma unidade estrutural, isto é, figuras diferentes para uma mesma operação simbólica. O conflito produzido nesse campo oscila.

... sempre entre os dois famosos polos, o polo materno pré-edipiano do imaginário e o polo paterno edipiano do estrutural, ambos tendo o mesmo eixo, falando a mesma linguagem de um social familiarizado, na qual um designa os dialetos maternos habituais, e o outro, a forte lei da língua do pai (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 231).

O debate da antropologia/etnologia com a versão estruturalizada de Lacan se estabelece, em grande medida, pela aplicação do paralogismo da extrapolação. Nesse paralogismo, um elemento universal-comum funciona como operador lógico que introduz a falta no desejo ou, o que é a mesma coisa, fixa o sujeito justamente por ser para ele uma ausência. O desejo é inserido em um processo que institui, desde o início, uma unidade que precede sua realização. Tal totalidade presumida é posta como aquilo que falta aos objetos parciais e, por derivação, ao sujeito do desejo. A extrapolação age, então, como referente formal de fixação do sujeito, pois, não faz outra coisa senão reencontrar "... em toda parte [...] algo de transcendente e comum, mas que só é um universal-comum para introduzir a falta no desejo, para fixar e especificar pessoas e um eu sob tal ou qual face da sua ausência ..." (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 101).

Deleuze e Guattari tomam um trecho de *Édipo africano* – obra elaborada pela psicanalista Marie-Cécile Ortigues em colaboração com o filósofo Edmond Ortigues – como modelo de extrapolação. O fragmento em questão diz o seguinte: "Para que sejam preenchidas as condições necessárias à existência de uma estrutura na instituição familiar ou no complexo de Édipo precisa-se pelo menos de quatro termos, ou seja, um termo a mais do que é habitualmente preciso" (Ortigues & Ortigues, 1966, citado por Deleuze & Guattari 1972/2010, p. 83).

Édipo africano teve grande repercussão e sua importância pode ser atestada em uma resenha crítica redigida por Pierre Smith e divulgada no nº 3 da revista francesa de antropologia *L'Homme* de 1967. O livro problematiza a universalidade do complexo de Édipo tendo como base os relatórios de atendimentos psicoterapêuticos de meninos em idade escolar residentes na cidade de Dakar. O estudo se fundamenta em construtos teóricos oriundos da psicanálise e da antropologia social. Os dados clínicos são interpretados à luz das leituras e dos usos que Lacan faz das ideias de Freud e de Lévi-Strauss, especialmente das suas noções de proibição do incesto e das regras de aliança. Na obra, os temas edipianos – a angústia de castração, o assassinato fantasmático do pai, a instituição do incesto – são qualificados como experiências humanas com validade simbólica universal. O complexo de Édipo é universalizável enquanto estrutura formal que varia somente conforme as vias de resolução que cada sociedade constrói para si historicamente (Smith, 1966/2017).

A pesquisa de Ortigues e Ortigues não revela os mesmos mecanismos e atitudes nos "Édipos" ocidental e africano. Isso não é um embaraço, uma vez que o que importa para eles é o substrato estrutural comum, isto é, o sistema formal que faz com que Édipo seja o dispositivo universal de colonização da subjetividade. Essa fórmula⁴ foi replicada por outros pesquisadores da época. Géza Roheim (1967), no livro *Psicanálise e antropologia*, interpreta os fenômenos culturais a partir de uma grade de leitura que lhe permite convergir uma série de variáveis para um núcleo simbólico potencialmente universal.

São justamente essas interpretações do ensino lacaniano – enfáticas ao aplicarem o "simbolismo potencialmente universal" à teoria do inconsciente – que recebem as mais duras críticas. Elas são muitas

⁴ "... a fórmula do Édipo é 3 + 1, o Uno do falo transcendente sem o qual os termos considerados não formariam um triângulo" (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 101).

vezes mencionadas para servir de “anti-modelo”, isto é, de exemplo de perspectiva equivocada sobre o funcionamento do inconsciente.

Frente a essas concepções notadamente formalizantes, Deleuze e Guattari propõem a esquizoanálise como dispositivo teórico-político sensível aos fluxos desterritorializados, aos elementos moleculares da produção desejante. Ela toma para si como regra prática aquilo que no comentário de Leclaire (1965/1998), sobre Lacan, é descrito como o não senso, os termos últimos e irreduzíveis do inconsciente que subsistem sob a ausência de liame.

Mas por que, a seguir, ver nessa extrema dispersão, nessas máquinas dispersadas em toda máquina, apenas uma pura “ficção” que deve dar lugar à Realidade definida como falta, deixando que Édipo ou a castração retornem a todo galope, ao mesmo tempo em que se assenta a ausência de liame num “significante” da ausência encarregado de representá-la, de ligá-la a si mesma e de nos remeter de um polo a outro do deslocamento? Recai-se no buraco molar ao se pretender desmascarar o real (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 416).

Em síntese diremos que o inconsciente antiedipiano não é estruturado como uma linguagem, nem é uma tragédia grega deturpada. Seus produtos (o sonho, o delírio...) funcionam como índices de desterritorialização, uma vez que

... a máquina é sempre infernal no sonho da família. Ela introduz cortes e fluxos que impedem o sonho de se fechar em sua própria cena e de se sistematizar na sua representação. Ela faz valer um fator irreduzível de não-senso, que se desenvolverá alhures e fora, nas conjunções do real enquanto tal (Deleuze & Guattari, 1972/2010, p. 418-419).

Esquizofrenizar o campo do inconsciente e o campo social histórico para que se possa explodir o jugo do Édipo e reencontrar a força da produção desejante. Esse é, talvez, o slogan que melhor traduz a empreitada antiedipiana.

Considerações finais

Sugerimos, anteriormente, que Deleuze e Guattari tentam habilitar a função do Real nos debates que estabelecem com o lacanismo em torno da teoria do desejo. Eles propõem um novo conceito de inconsciente concebido como processo não estrutural e impessoal que não simboliza, não imagina e nem figura, pois ele é apenas Real. Os autores partem da premissa de que o desejo é produto e produtor da realidade, um investimento libidinal no real sócio-histórico imediato. Eles procuram, entre outras coisas, promover a reflexão sobre a participação da psicanálise na reprodução e no incremento do agenciamento edipiano das subjetividades no capitalismo.

O *Anti-Édipo* é o ato inicial, e ainda incipiente, de criação de um novo campo problemático para a noção de desejo e dos seus processos inconscientes. Para demonstrar e fundamentar seus argumentos, Deleuze e Guattari percorrem inúmeros territórios teórico-conceituais. Eles operam verdadeiras bricolagens com termos e noções advindas da linguística, da filosofia, da literatura, da psicanálise e de tantos outros domínios.

Nossas análises demonstraram o quanto são sinuosos os caminhos traçados nos estudos inspirados no ensino lacaniano. Há no texto antiedipiano inúmeras referências a autores que, direta ou indiretamente, se serviram de Lacan para propor – ou apenas reproduzir – formulações aplicáveis aos campos da clínica, da política e do social. Analisamos mais detidamente os “belos livros” escritos em uma época ainda fortemente influenciada pelo programa estruturalista. Descobrimos que essas obras são criticadas justamente por reduzirem o inconsciente à dimensão estrutural-simbólica.

O diálogo realizado com os intérpretes de Lacan abrange basicamente os usos que eles fazem de construtos setoriais. À primeira vista, percebemos que as menções diretas a Lacan se dão de maneira construtiva e, até certo ponto, com vistas a sinalizar potenciais convergências. Questionamos, entretanto, se essa impressão resiste a uma investigação aprofundada. Tal problema é instigante e merece ser enfrentado em outra empreitada.

Referências

- Deleuze, G. (2008). *Conversações*. São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1990).
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2010). *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1972).
- Deleuze, G., & Parnet, C. (2016). *Abecedário de Gilles Deleuze*. Recuperado em 02 de junho, 2016, de <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. (Trabalho original publicado em 1994-1995).
- Lacan, J. (1969-1970/1992). *O seminário. Livro XVII. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1995). *O seminário. Livro IV. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário. Livro V. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2002). *O seminário. Livro VI. O desejo e sua interpretação*. Porto Alegre: Associação psicanalítica de Porto Alegre. (Trabalho original publicado em 1958-1959).
- Lacan, J. (2005). Introdução aos Nomes-do-pai. In Lacan, J. *Nomes-do-pai* (pp. 57-87). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1963).
- Laplanche, J., & Pontalis, J-B. (1985). *Fantasme originare, fantasmes des origines et origine du fantasme*. Paris: Hachete Littératures. (Trabalho original publicado em 1964).
- Leclaire, S. (1998). La réalité du désir. In Leclaire, S. *Écrits pour la psychanalyse 1: Demeures de l'ailleurs*. (1954-1993) (pp. 139-159). Paris: Seuil/Arcanes. (Trabalho original publicado em 1965).
- Manonni, M. (1981). *O psiquiatra, seu Louco e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1970).
- Miller, J-A. (2014). Apresentação do Seminário 6: o desejo e sua interpretação, de Jacques Lacan, por Jacques-Alain Miller. *Opção Lacaniana online nova série*, 14(5), 1-19. Recuperado em 08 de fevereiro, 2017, de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_14/Apresentacao_do_seminario_6.pdf.
- Róheim, G. (1967). *Psychanalyse et anthropologie: cultura, personnalité, inconsciente*. Paris: Gallimard.
- Roudinesco, E. (1967). L'Action d'une métaphore. *La pensée: Revue du rationalisme moderne. Arts. Sciences. Philosophie*, 162, 54-73.
- Safouan, M. (1973). *Estruturalismo e Psicanálise*. São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1968).
- Santiago, J. (1995). Jacques Lacan: a estrutura dos estruturalistas e a sua. In I. Domingues, H. Mari & J. Pinto (Orgs.), *Estruturalismo: memórias e repercussões* (pp. 217-224). Rio de Janeiro: Diadorim.
- Smith, P. (1966). Marie-Cécile et Edmond Ortigues, O Edipe africain [Resenha do livro *OEdipe africain*, de M-C. Ortigues & E. Ortigues, Paris]. *L'Homme*, 3(7), 106-109. Recuperado em 11 de fevereiro, 2017, de <http://www.persee.fr/doc/hom-0439-4216-1967-num-7-3-366902>.

Recebido em 03/07/2017
Aceito em 27/02/2018

Wagner Honorato Dutra: é graduado em psicologia, pelo Unicentro Newton Paiva de Belo Horizonte e em filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especializou-se em filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais e em psicopedagogia no Centro Universitário de Belo Horizonte. Atua como psicólogo no Núcleo de Apoio à Saúde da Família da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Mestre em psicologia (Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC Minas). orcid.org/0000-0003-2161-2818

Luis Flávio Silva Couto: é graduado em psicologia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (1974), mestre em filosofia, pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985), doutor em filosofia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991) e pós-doutor em psicanálise pela Université Paris 8. Atualmente, é professor-adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Membro do Conselho Consultivo da Revista Psicologia Ciência e Profissão. Tem experiência na área de psicologia, da filosofia e da psicanálise, bem como na tradução de textos psicanalíticos em francês. Trabalha, atualmente, na graduação do curso de psicologia da PUC Minas com Clínica Psicanalítica II e em supervisão de estágio clínico na área da psicanálise e Trabalho de Conclusão de Curso XI e XIII. No programa de Pós-graduação (mestrado e doutorado); leciona disciplinas com ênfase em psicanálise e em metodologia, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, Freud, Lacan e filosofia. É membro da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Escola Brasileira de Psicanálise (EBP). Já orientou alunos em nível de doutorado, mestrado, trabalho de conclusão de curso e iniciação científica. Já foi editor dos Cadernos de Psicologia da UFMG. orcid.org/0000-0002-8251-7331